

CONTOS HINDUS COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO EM AULAS DE ENSINO RELIGIOSO

Autor (1); Co-autor (1); Orientador (1)

Jean Jefferson Dias de Lima, Priscila Fernandes da Costa, Maria de Fátima Araújo

PIBID Ensino Religioso/Ciências da Religião/UERN – Campus de Natal; Secretaria Municipal de Educação de Natal

Jeanjeff4@gmail.com
priscilafernand1@gmail.com
amitafaraujosupervisora@gmail.com

Resumo: O presente trabalho expõe resultados de uma experiência de docência que utilizou a leitura literária de contos hindus e seus benefícios para a análise do objeto religião Hindu no âmbito do Ensino Religioso, com turmas do sétimo ano da Escola Municipal Francisco Varela Cavalcanti. Dialogamos com alguns autores para fundamentar nossas ações como Benevides (2011), Torres (2012), Goés (2010), Cosson (2014) e Eliade (2011). À luz do processo de letramento literário, descrevemos como ocorre o processo de leitura e apropriação dos contos em diálogo com a compreensão do simbolismo religioso do Hinduísmo. O conto escolhido foi Nachiquetas e Yama transcrito na obra Contos Hindus e Budistas, de Ananda K. Coomaraswamy e Irmã Nivedita. Foi realizada a leitura em grupo na sala de aula, acompanhada de propostas para a leitura individual em casa, por parte do aprendiz, além da provocação de uma discussão na sala e da construção de um painel relacionando o conto citado acima com a religião hindu. Nos resultados, listamos as dificuldades e os benefícios dessa ação leitora, refletindo sobre o êxito alcançado em termos de compreensão leitora.

Palavras-chave: Letramento literário, Hinduísmo e Literatura. Contos Hindus, PIBID Ensino Religioso.

Introdução

As canções, os relatos, os contos populares, pintam em poucas palavras o que a literatura se limita a amplificar e disfarçar.
George Sand

A temática que desenvolvemos, neste trabalho, utiliza como foco uma proposta de Letramento Literário para as aulas de Ensino Religioso, tendo sido realizada com turmas do sétimo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Francisco de Assis Varela (Natal/RN), como ação do Subprojeto Pibid Ciências da Religião/UERN, tendo como objetivo auxiliar os profissionais que trabalham com essa disciplina, bem como produzir um suporte pedagógico e material didático para o contexto de ensino dessa área do Ensino Fundamental. A proposta aqui construída toma como base a utilização do gênero *contos populares* de tradições religiosas na sala de aula. Para essa abordagem, partimos da leitura do conto popular hindu *Nachiquetas e Yama* compilado no livro *Mitos Hindus e Budistas*, de Ananda Coomaraswamy e Irmã Nivedita (1967) e da discussão dos trechos finais que evocam os ensinamentos e práticas da Religião Hindu.



Direcionamos a construção da nossa proposta didática sob a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso – PCNER (FONAPER, 2007), agregando os eixos: Ritos, Textos Sagrados, Símbolos e Tradições Religiosas, dispostos nesse documento. Analisamos o contexto histórico social da sociedade hindu em que o conto está inserido. Na sequência fundamentamos as ações pedagógicas desenvolvidas a partir da temática, na tentativa de formular uma direção metodológica sustentada no modelo de *Ensino Religioso Pluralista*, em uma prática realizada

[...] diferentemente de tempos atrás quando bastava a alguém, no caso o/a professor/a, ser catequizador/a, possuir uma fé ou conhecer determinado texto sagrado, que envolvesse essa fé, para lecionar essa disciplina nas escolas. Muitas vezes, o conteúdo resumia-se apenas “no estudo da Bíblia” para a preparação de uma aula. (BENEVIDES, 2011b, p.02. Grifos da autora)

Desejávamos, assim, agregar valores de ética e respeito às tradições e rituais das religiões, vislumbrando o *outro* no caso, os Hinduístas de uma forma mais próxima e distante dos ditames de uma regra pedagógica formal, visto que há uma grande necessidade para quem leciona a Disciplina Ensino Religioso, de aproximar o mundo religioso estudado da sala de aula sem doses de proselitismo com o mundo da literatura. Para tal ação, escolhemos o gênero conto, principalmente o conto com teor religioso, do mesmo modo que Góes explica: “O conto vulgar primitivo é o resumo da história religiosa e cultural, da poesia épica da antiguidade e que foi transmitida oralmente e recolhida pelos poetas”. (GÓES, 2010, p. 101).

O conto hindu

Mesmo sendo vista como uma obra da literatura popular Hindu, o conto *Nachiquetas e Yama* traz em si detalhes das características sociais, culturais e dos ensinamentos e preceitos religiosos presentes no hinduísmo. Comporta muitas informações relevantes sobre as crenças, práticas e rituais celebrados pelos hindus, enquanto sociedade que mantém uma forte tradição religiosa. Como por exemplo, a crença em vários deuses, no renascimento da alma, na hierarquia social baseada nas castas, no sacrifício aos deuses e na busca por uma evolução espiritual.

A crença em vários deuses e nos sacrifícios como forma de interação com estes seres, fica explícito logo no início do trecho citado a seguir: “Havia um vaqueiro de nome Vajashrava. Desejando uma dádiva dos deuses, ele fez uma oferenda de tudo o que tinha. Mas suas vacas eram velhas, não davam leite e não tinham valor; [...]”. (COOMARASWAMY; NIVEDITA, 1967, p. 186).



O renascimento central da alma, que é um princípio básico para a crença Hindu, os autores reforçam também no início do conto quando o brâmane Nachiquetas pensa;

Não serei o primeiro nem o último a ir para Yama. O que ele fará comigo? Comigo as coisas se passarão da mesma forma que com os outros; como o capim o homem decai, como o capim ele brota novamente. (COOMARASWAMY; NIVEDITA, 1967, p. 186).

A força das castas sociais na religião hindu é representada no trecho descrito abaixo, no qual nem uma divindade estaria livre das regras de castas;

[...] Nachiketetas esperava há três dias sem ter sido recebido; vós o confrontareis oferecendo-lhe água, pois tudo está perdido para aquele em cuja residência um brâmane espera sem ser alimentado.” (COOMARASWAMY; NIVEDITA, 1967, p. 186).

Já a parte em que o conto relaciona as questões sobre a evolução espiritual estão postas no diálogo entre o brâmane e o deus Yama,

Assim, tendo aprendido a sabedoria ensinada pela Morte e encontrando Brahman, Nachiketetas libertou-se da morte. Do mesmo modo estará livre quem conhecer esse Eu Supremo. (COOMARASWAMY; NIVEDITA, 1967, p. 188).

A Religião Hindu, no conto, é apresentada de forma mítica, expondo a hierarquia social (castas) e a cultura, revelando detalhes de suas crenças no renascimento da alma. Além disso, mostra aos discentes algumas das características principais dos ensinamentos valorizados pelos hinduístas. Contemplando um dos Eixos Temáticos do Ensino Religioso – o Eixo Tradições religiosas – propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (FONAPER, 2007).

Por ser um conto popular tem grande valor no contexto de letramento literário para o desenvolvimento de aulas no Ensino Religioso. Nesse horizonte literário, o processo de letramento aqui envolve a leitura, a compreensão de uma narrativa e a construção de uma ideia de sociedade religiosa, que auxilia o educando a se envolver com os significados presentes no texto trabalhado na prática pedagógica. Além disso, envolve os alunos na compreensão do papel das personagens e de seus significados no texto e no contexto da religião estudada.



Para não parecermos preconceituosos, queremos afirmar que os livros didáticos possuem seu valor no processo educacional. Entretanto, diante de tantas marcas de proselitismo existentes em muitas obras do mercado, optamos por desenvolver nosso próprio conteúdo pedagógico, baseado e firmado na teoria e processo de letramento literário de Rildo Cosson.

Dessa forma, o trabalho do Ensino Religioso apresentado através do gênero *contos* populares recebe o tratamento das etapas de letramento indicadas por Cosson, que são; *antecipação*, *decifração* e *interpretação*. Essas etapas e a descrição de como ocorreram, iremos explicar mais à frente.

O conto popular hindu – uma nova prática leitora

Tomando como ponto de Partida o Pluralismo Religioso (BENEVIDES, 2011a), tópico no qual está inserido a nova proposta de Ensino Religioso, daremos a oportunidade para os alunos, de terem uma visão dos preceitos, dogmas da religião Hindu, de sua cosmologia e de suas divindades, através da compreensão de imagens projetadas por projetor (Datashow ou similar), bem como da sociedade e geografia da Índia.

A religião Hindu surge em um ambiente geográfico que é considerado o *berço* de várias outras religiões, como o Jainismo e o budismo. Sendo o hinduísmo a religião base para estas outras duas. O hinduísmo é tão forte que suas marcas na construção social da Índia refletem ainda hoje nas regiões mais tradicionais do país. As classes sociais são definidas através do mito do deus Bhraman, no qual a sua cabeça seria a representação dos brâmanes (sacerdotes), os seus braços e peito pelos Xátrias (militares), os quadris e as coxas seriam a representação dos vaixias (fazendeiros e comerciantes), as pernas representam os sudras (servos) e a poeira abaixo dos pés do deus seriam os daletis (intocáveis). Além de classes sociais estas castas representavam o crescimento espiritual de um sistema concreto de morte, renascimento e evolução.

Este ciclo de morte e renascimento é baseado no conceito de Karma, esse conceito para os hindus e budistas, reforça a lei de causa e efeito das religiões orientais. O Karma é o retorno das ações de cada indivíduo; em um esquema simples, boas ações refletem um bom karma, ações ruins refletem um mal karma. Esse conceito ecoa no processo de morte e renascimento no tocante a evolução das castas, bons karmas levam à evolução do indivíduo nas castas, karmas ruins levam a estagnação ou até um retrocesso do hindu nas castas.

No conto *Nachiquetas e Yama*, a narrativa destaca um Brâmane descontente com o sacrifício



(ritual) de seu pai, o fazendeiro Vajashrava. Para ajudar seu pai, ele se entrega em sacrifício ao deus da morte Yama, na certeza do renascimento. Após esperar três dias para ser recebido pelo deus, Nachiketetas recebe presentes dados na forma de desejos como pedido de desculpas pela espera, pois um brâmane não pode esperar para ser recebido em qualquer lugar.

Então a morte falou para Nachiketetas: “Uma vez que tu, um hóspede de honra, esperaste em minha casa por três dias sem ti alimentares, faz três pedidos, como compensação e eu os concederei.” (COOMARASWAMY; NIVEDITA, 1967, p. 186 e 187).

O jovem usa seus pedidos para adquirir sabedoria. Como conclusão, entende-se que o conto popular hindu escolhido, além de valorizar a sabedoria, relata que o desapareço à matéria fútil da vida pode auxiliar em nosso desempenho nos reais valores da evolução humana.

A morte respondeu: “Dever é uma coisa, prazer é outra; essas duas coisas dirigem o homem para caminhos diferentes. Feliz aquele que escolhe o dever; transvia-se aquele que escolhe o prazer. Essas duas coisas, sensatez e leviandade, dirigem-se para fins diferentes. Nachiketetas falou bem, procurando a sabedoria sem ser incitado por desejos. (COOMARASWAMY; NIVEDITA, 1967, p. 187)

Compreendemos a Índia como uma região de cultura bastante antiga, que sofreu algumas interferências internas e externas, como a presença védica, povo invasor que contribuiu culturalmente favorecendo a compilação dos *Vedas*, quatro livros sagrados do hinduísmo e os surgimentos do budismo e do jainismo. Mesmo sofrendo interferências, a religião Hindu é bastante antiga. Segundo Mircea Eliade (2010), podemos observar que as religiões são tão antigas quanto à existência do Mundo. Para esse autor,

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. (ELIADE, 2010, p. 14. Grifos do Autor)

A Índia antiga comprova isso. Marcada pela crença em milhares de divindades, mitos e simbolismos. A prática religiosa era e ainda é muito valorizada na sociedade hindu, os rituais e cerimônias ocorriam em diversas regiões do país, mas há uma concentração maior destas ações nas margens do rio Ganges.

Levando em consideração a busca por novas formas de incentivar nossos alunos em sua



construção do conhecimento sobre as religiões, temos validado, através das ações formativas e pedagógicas do Pibid Ensino Religioso/Ciências da Religião/UERN na mediação da produção desse conhecimento interdisciplinar, a inserção de práticas leitoras no cotidiano escolar.

Nesse sentido, o livro *Letramento Literário*, de Rildo Cosson (2008), foi usado como orientação para a produção deste artigo, por vários motivos. Entre eles, está a proposta de trabalharmos o letramento como caminho para a compreensão das práticas leitoras no ambiente da escola e pelo fato de o livro conter sugestões relevantes para a compreensão teórica das várias dimensões do letramento e de sua importância para a formação inicial e continuada de docentes do Ensino Fundamental. Para o autor,

A abordagem temática é, sem dúvida, o modo mais familiar de tratar uma obra para qualquer leitor dentro ou fora da sala de aula. De certa forma, ela retoma o caminho “natural” do leitor que, sem compromisso com o saber literário, comenta com o amigo ou alguém que lhe seja próximo a sua última leitura, falando do tema ou dos temas tratados na obra. Na escola, entretanto, como parte do processo de letramento literário, a contextualização temática precisa fugir das soluções fáceis e buscar mais rigor na sua execução [...]. (COSSON, 2008, p. 90 – grifos do autor).

Baseando-nos nos conceitos de Cosson, buscamos com estes pressupostos, tornar a leitura literária mais presente na sala de aula e na vida do educando, não como ensino de literatura, mas como atividade do cotidiano na formação de novos leitores em diálogo com o estudo do Ensino Religioso.

A prática da leitura consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. (COSSON, 2008). Desse modo, podemos, sim, colocar em prática uma proposta de letramento literário, que interaja com o ER e promova o acesso à linguagem literária e aos conteúdos do Ensino Religioso.

Caminho da experiência pedagógica

Em nosso planejamento, ocorreram estudos que nos capacitaram a trabalhar o letramento literário com *contos populares*, e nos potencializaram para a produção do processo desenvolvido por Rildo Cosson com os contos populares hindus.

Nossa proposta pedagógica precisou de três momentos (aulas), da introdução até a sua conclusão. Em um primeiro momento, nós expusemos os objetivos das aulas e, logo em seguida, iniciamos uma aula expositiva, através de slides com imagens da Índia, de suas paisagens, sua

cultura, sociedade e religião, para apresentar o contexto em que se insere o Hinduísmo. Nesse encontro, buscamos tocar o conhecimento prévio do aluno com a reprodução da música *Taj Mahal* do cantor e compositor Jorge Benjor.

O segundo encontro começou com a contação do conto popular Hindu *Nachiquetas e Yama*, para aprofundar a compreensão do texto, detemo-nos em identificar e apresentar os personagens, bem como o cenário do conto popular citado. Logo em seguida, ainda nessa segunda aula, fizemos a primeira leitura integral desse conto. Depois, lemos juntos com os alunos, intercalando com os que queriam participar da leitura oral, neste instante, buscamos junto à eles a interpretação do conto, objetivando levar a classe há uma reflexão sobre a importância da sabedoria e meditação, frente as outras dimensões humanas. No fim desse ponto, entregamos a eles um roteiro de leitura, para que os alunos construíssem suas observações, sensações, compreensões e informações interessantes do texto lido. Assim, tentamos observar a aprendizagem dos alunos diante do texto registrando as relações estabelecidas entre eles e a compreensão do conto. No terceiro e último momento, desenvolvemos uma atividade artística que consistia em uma tentativa de acionar o lado subjetivo dos alunos. Investimos na pintura de uma mandala, sinalizando o símbolo sagrado *om* em seu interior (Quadros 1, 2, 3 e 4). Essa atividade foi feita com o auxílio de um aparelho de som, com o qual reproduzimos alguns mantras sagrados hindus, de teor relaxante, tencionando uma maior relação com a religião estudada, e, sim, quem sabe, um momento de relaxamento mental para liberar a subjetividade.

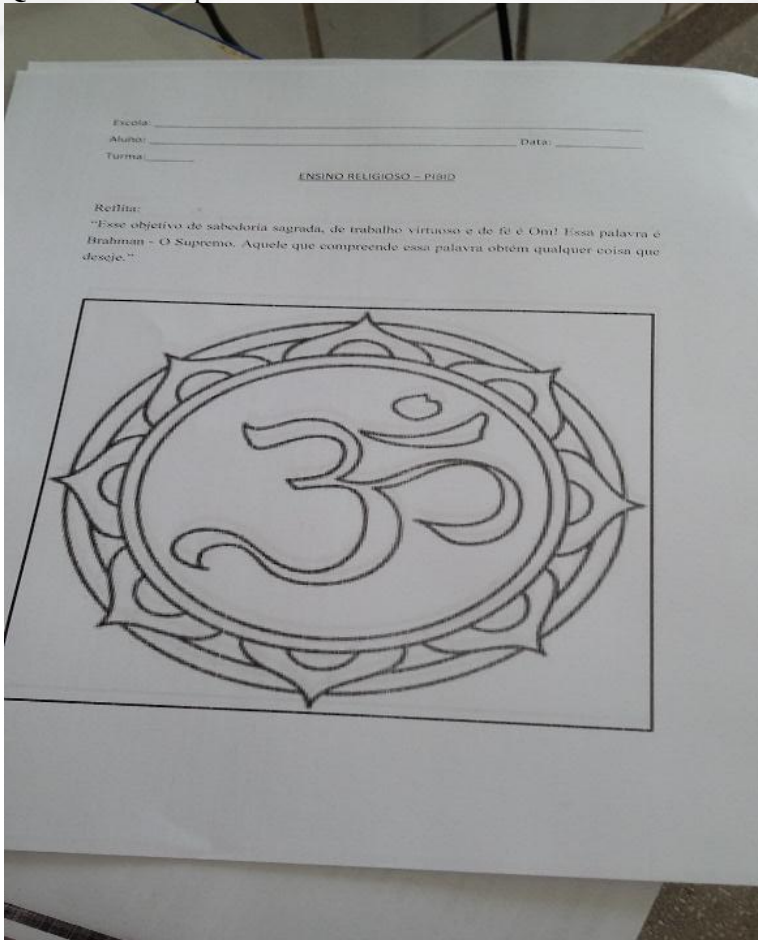
Quadro 1 – Produção das mandalas



Fonte: Banco de Imagens Grupo Supervisora Fátima



Quadro 2 – Proposta realizada em sala de aula



Fonte: Banco de Imagens Grupo Supervisora Fátima

Quadro 3– Atividade em sala de aula



Fonte: Banco de Imagens Grupo Supervisora Fátima



Quadro 4 – Pintura com pó de lápis



Fonte: Banco de Imagens Grupo Supervisora Fátima

Conclusão

Este trabalho busca constituir um instrumento que permita municiar o professor de Ensino Religioso na sala de aula ao procurando práticas que possibilitem experiências metodológicas e ações inovadoras. Seguindo a base estabelecida pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso* (FONAFER, 2009) e ainda promova a prática de letramento literário na formação de alunos leitores críticos. Compreendendo que a prática leitora não pode ser feita a esmo. Utilizamos o conto popular hindu, inserido dentro dos Eixos dos Parâmetros Curriculares. Revelamos algumas situações possíveis de intervenção metodológica buscando a expansão dos horizontes do Ensino Religioso Pluralista.

Para nós, alunos do curso de Ciências da Religião e bolsistas, integrantes do Pibid Ensino Religioso/Ciências da Religião/UERN, essa experiência foi gratificante no que diz respeito à mobilização de conhecimentos, no tocante à experiência em docência e agregadora de ideias que possibilitaram novos horizontes em nossas vidas acadêmicas. Tomando por base os encontros de

formação promovidos por nossa coordenadora de área e o amparo e apoio de nossa supervisora Maria de Fátima Araújo, nos sentimos capazes e seguros em nossas intervenções na sala de aula e na produção dos materiais de uso pedagógicos. O entendemos que o processo de Letramento Literário possibilitou uma variedade de opções de trabalhos, conduzindo os nossos objetivos docentes por um caminho sólido e palpável, sem esquecer também, bastante agradável. Para nós, o trabalho com contos mostrou-se difícil, antes da formação, e empolgante, depois da formação, pois a estrutura desse gênero, os modos de ler e a importância das concepções religiosas da Índia.

O projeto PIBID auxiliou a vivência do docente que busca novos horizontes e novas abordagens para o seu ofício. No caso do professor supervisor, esse projeto promoveu uma relação de reavivamento acadêmico da docente e o aquecimento dos processos pedagógicos no ambiente de ensino. O trabalho com contos populares como proposta de letramento literário somou-se aos conceitos didáticos já utilizados, bem como se mostrou uma ação viável, agradável e eficiente. O reflexo dessa ação, percebemos na contagiante relação dos alunos com o texto trabalhado por nós em nossa intervenção.

Concluimos, assim, que a nossa ação coletiva com o processo de letramento literário indicado nas ideias de Rildo Cosson (2008) desenvolvida através da leitura de contos populares Hindus no âmbito do Ensino Religioso mostrou-se exitosa no tocante à mediação da compreensão das características da narrativa, as quais foram confrontadas e refletidas na vivência da construção do símbolo *om*, conforme descrito acima.

Referências

BENEVIDES, Araceli Sobreira. Professor religioso ou professor de Ensino Religioso – perspectivas para a formação docente. In: ANDRADE, Francisco Ari de; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Org.). **Formação de Professores e Pesquisas em Educação: teorias, metodologias, práticas e experiências docentes**. Fortaleza: Edições UFC, 2011a, p. 32-53.

_____. O letramento literário em aulas de Ensino Religioso - o dialogismo presente em autores consagrados e alguns textos sagrados. In: **Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais - VI SIGET**, UFRN: Natal, 2011b. p.1 -13.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2008.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**; tradução Rogério Fernandes. 3.^a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2010.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO – FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso**. 9ª ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

SANTIDRIAN, Pedro R. **Dicionário Básico das Religiões**. Aparecida-SP: Ed. Santuário, 1996.

COOMARAWSAMY, Ananda; NIVEDITA, Irmã. **Mitos Hindu e Budistas**. Ed. Dover, 1967.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br